

As mestiçagens da arte e os cruzamentos experienciais das linguagens artísticas das atividades cotidianas na escola

Art mixtures and experiential crossings of artistic languages of daily activities in school

DOI:10.34117/bjdv7n3-791

Recebimento dos originais: 08/02/2021

Aceitação para publicação: 30/03/2021

Walter Rodrigues Marques

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica pela Universidade Federal do Maranhão (PPGEEB/UFMA) Especialização em Arte, Mídia e Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA). Especialização em Educação Especial e Neuropsicopedagogia e, Especialização em Psicologia Hospitalar e da Saúde pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Graduação em Educação Artística pela Universidade Federal do Maranhão. Graduação em Psicologia pela Faculdade Pitágoras de São Luís (MA)

Professor de Arte na Secretaria de Estado da Educação do Maranhão (SEDUC-MA)

E-mail: walterkeyko@gmail.com

João Fortunato Soares de Quadros Júnior

Possui Pós-Doutorado pela Universidad de Granada (Espanha) realizando pesquisa sobre Personalidade e Preferência Musical. Obteve os títulos de Doutorado Internacional em Educación Musical pela Universidad de Granada (España) (2013), Mestrado em Educação Musical pela Universidad de Granada (2013), Mestrado em Música pela Universidade Federal da Bahia (2007) e Licenciatura em Artes (ênfase em Música) pela Universidade Estadual de Montes Claros (2006). Professor Adjunto vinculado ao Departamento de Música da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) Atua como Professor do Programa de Pós-Graduação (Mestrado Profissional) em Gestão de Ensino da Educação Básica da Universidade Federal do Maranhão. É Professor colaborador do Máster Oficial "Educación Musical: una Perspectiva Multidisciplinar" da Universidad de Granada (Espanha). Coordena desde 2015 o Grupo de Ensino e Pesquisa "Arte, Cultura e Educação", certificado pelo CNPq

E-mail: joaofjr@gmail.com

Francisca Maria Lopes Menezes Nascimento

Mestra em Gestão de Ensino da Educação Básica – PPGEEB/UFMA - 2019 Especialização em Gestão Empreendedora em IES (UFMA); Especialização em Planejamento e Avaliação de Recursos Humanos (UFMA); Especialização em Museologia. Graduada em Licenciatura em Desenho e Plástica pela UFMA -1983; Bacharel em Hotelaria pela UFMA - 2014

Servidora Pública da Universidade Federal do Maranhão - Técnico em Assuntos Educacionais. Professora de Arte - Secretaria Municipal de Educação de São Luís - MA. Participa do Grupo de Pesquisa em Estudos e Pesquisas em Arte, Cultura e Educação, pelo PPGEEB/UFMA

E-mail: franciscaml.menezes@hotmail.com

Luís Félix de Barros Vieira Rocha

Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Pelotas-RS (UFPel); Mestre em Educação: Gestão de Ensino da Educação Básica e Graduação em Educação Artística pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Professor de Arte na Secretaria Municipal de Educação (SEMED) Matões do Norte (MA)

E-mail: felix_rocha_luis@yahoo.com.br

João Otavio Silva Ferreira

Especialização em Relações Interpessoais no Ambiente de Trabalho pela Faculdade Interacional Signorelli-RJ em 2015. Graduado em Licenciatura em Física pela UFMA (Universidade Federal do Maranhão) em 2013

Assistente administrativo na Universidade Federal do Maranhão

E-mail: otavio.joao@ufma.br

Francisco das Chagas Santos Costa

Licenciatura em Magistério das Séries Iniciais do Ensino Fundamental; Licenciatura em Artes Visuais; Pós-Graduação em Mídias na Educação; Gestão Educacional e Escolar Concepções Pedagógicas; Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos – EJA/PROEJA

Professor do ensino fundamental na SEMED de Bacabeira (MA)

E-mail: tckosta@gamil.com

Dediane Melry Martins Câmara

Especialização em Educação Inclusiva. Graduação em Pedagogia.

Professora das Séries Iniciais do Ensino Fundamental na Secretaria de Educação (SEMED) de São Luís (MA)

E-mail: dedianemcamara@outlook.com

Maria Vitória Nascimento Cantanhede

Graduação em História pela Universidade Federal do Maranhão – UEMA

Especialização em História do Maranhão pela UEMA. Professora de História no ensino fundamental nos municípios de Bacabeira e São Luís

E-mail: vivi.educa25@gmail.com

RESUMO

Este artigo é uma reflexão sobre as atividades experienciais do cotidiano da escola e da sala de aula. Utilizou-se como tema discutir a interdisciplinaridade da música com as outras linguagens artísticas e com outras áreas de conhecimento que permeiam o currículo escolar, objetivando introduzir o cotidiano da escola como conteúdo a ser explorado e estudado cientificamente como apontam (NÓVOA, 1995; COUTINHO, 2012; FAZENDA, 2012), retirando destas vivências no espaço escolar, a característica de trivialidade do fazer. O fazer na sala de aula é sistematizado, baseado em um currículo geralmente fechado, rígido, no entanto, esse fazer na escola é carente da visão e representação científica. Utilizou-se duas imagens para representar o fazer da educação, uma representando a culminância das atividades relacionadas aos festejos juninos na escola e outra imagem (a fotografia de uma pintura/tela/quadro) realizada num espaço informal (Ong) de ensino de arte. A abordagem é a da mestiçagem da/na arte, a interdisciplinaridade (FAZENDA, 1993; 2012), que por vezes está ligada às atividades realizadas na sala de aula. A Arte na escola (Artes Visuais, Teatro, Música, Dança) está

definida enquanto componente curricular, mas no seu fazer, as linguagens desse componente se entrelaçam, se utilizam umas das outras – é a interdisciplinaridade. Do resultado desse entrelaçamento, surgem a mestiçagem e o hibridismo na arte. Como manter a identidade na/da arte diante disso? Objetiva-se problematizar o cotidiano escolar e tecer algumas considerações acerca de conceitos relacionados à prática artística como a mestiçagem, a interdisciplinaridade e o hibridismo na/da arte e a polivalência.

Palavras-chave: Mestiçagem, hibridismo, interdisciplinaridade na/da Arte, Cotidiano escolar, Interdisciplinaridade e música.

ABSTRACT

This article is a reflection on the experiential activities of the school and classroom everyday. It was used as a theme to discuss the interdisciplinarity of music with other artistic languages and with other areas of knowledge that permeate the school curriculum, aiming to introduce the school routine as content to be explored and studied scientifically as they point out (NÓVOA, 1995; COUTINHO, 2012; FAZENDA, 2012), removing from these experiences in the school space, the characteristic of triviality of doing. Doing in the classroom is systematized, based on a generally closed, rigid curriculum, however, doing at school is lacking in vision and scientific representation. Two images were used to represent the making of education, one representing the culmination of activities related to the June festivities at school and another image (the photograph of a painting / canvas / painting) held in an informal art teaching space (NGO). The approach is that of miscegenation of / in art, interdisciplinarity (FAZENDA, 1993; 2012), which is sometimes linked to activities carried out in the classroom. Art at school (Visual Arts, Theater, Music, Dance) is defined as a curricular component, but in doing so, the languages of this component are intertwined, they use each other - it is interdisciplinarity. From the result of this intertwining, miscegenation and hybridism emerge in art. How to maintain the identity in / of art in face of this? The objective is to problematize the school routine and make some considerations about concepts related to artistic practice, such as miscegenation, interdisciplinarity and hybridism in / of art and polyvalence.

Keywords: Mestizaje, hybrididade, interdisciplinarity in/of Art, School life. Interdisciplinarity and music.

1 BASES LEGAIS E CONCEITUAIS DO ENSINO DE ARTE NO BRASIL

O ensino de arte no Brasil (nível superior) se deu oficialmente com a chegada da Missão Artística Francesa em 1816, pelo Decreto do mesmo ano, de D. João VI criando o ensino artístico no Brasil na Escola de Ciências, Artes e Ofícios (BARBOSA, 2006). A Missão é composta por um grupo de artistas franceses (dentre os quais, Jean Baptiste Debret) liderados por Joachim Lebreton, o qual foi indicado por Alexander von Humboldt, com a missão de introduzir o ensino de arte no Brasil – estilo neoclássico.

Mas já havia artistas brasileiros como Mestre Valentim na arquitetura e Manuel Dias de Oliveira na pintura, na tradição barroco-rococó (BARBOSA, 2006). As preocupações com o ensino de arte no Brasil remontam aos fins do século XIX, com as reformas de Rui Barbosa de 1882 e 1883 no ensino primário e secundário (BARBOSA,

2006), período em que o tradicionalismo priorizava a cópia fiel dos modelos, o desenho decorativo, o início de design, enfim, o objetivo do ensino de arte era a preparação para o trabalho na indústria (BARBOSA, 1989; PONTES et al., 2016).

A trajetória de luta do ensino de arte é inerente à história da educação brasileira, sofreram derrotas nos campos político e ideológico, mas também obtiveram grandes conquistas, “A vida é combate” (DIAS, 1998, p.88). a Arte passou de mera atividade na LDB 4.024/61, conteúdo obrigatório na LDB 5.692/71, mantém a obrigatoriedade na LDB 9.394/96 (com as alterações da Lei 13.415/17), mas não avança na separação das linguagens, mesmo havendo legislação (BRASIL, 2005) substituindo “Educação Artística” (polivalência) por “Arte” (identidade), com base na formação específica plena em uma das linguagens: Artes Visuais, Dança. Música e Teatro. A LDB 5.692/71 determinou que a Arte deveria ser uma disciplina obrigatória no currículo escolar (BRASIL, 1971; AMAE), mas não pode assimilar como professores de arte os artistas formados pelas *Escolinhas* de arte (BARBOSA, 2005; 2012), pois, de acordo com a Nova Lei, era necessário diploma universitário para lecionar a partir da 5ª série e a maioria não possuía tal grau acadêmico. Então, o Governo Federal cria, em 1973, os cursos de arte-educação (Licenciatura em Educação Artística) com duração de dois anos que pretendia preparar um professor de arte que lecionasse, no 1º e 2º grau (educação básica), música, artes visuais, teatro, dança, desenho, desenho geométrico (BARBOSA, 1989). A Lei n. 5.692/71 que reformulou a Educação Brasileira e tornou obrigatório o ensino de Arte nas escolas não foi uma conquista dos arte-educadores brasileiros, mas uma ideologia de educadores norte-americanos (BARBOSA, 1989; 2005; 2012).

Enquanto metodologia do ensino de arte é a Escola de Belas-Artes que vai influenciar grandemente e mais dois processos irão contribuir: o impacto da arte com a indústria e o processo de cientificização da Arte (BARBOSA, 2006).

Sobre a implementação dos cursos de Arte no Brasil, “A UFMA é uma das primeiras universidades nordestinas que instituíram o curso de Educação Artística, já em 1972 era fundado com duas modalidades Artes Plásticas e Desenho” (UFMA, 2006; SANTANA, 2003), sendo acrescentadas as Artes Cênicas e a Música na década de 1990 (SANTANA, 2003). A Licenciatura em Teatro foi criada pela Res. CONSUN n. 75/2004, implantada em 2005. O Curso de Licenciatura em Música foi criado pela Res. CONSUN n. 93/2006 alterada pela Res. CONSEPE n. 1171/2014 e implantado em 2007. Em 2010 é aprovado pela Res. CONSUN n. 125/2010, a substituição da Educação Artística por Artes Visuais. A Lei 11.769/2008 altera a LDB 9.394/96 incluindo a Música como

conteúdo obrigatório no currículo escolar, seguindo o que preconiza o Parecer 22/2005. A Lei n. 13.415/17 (Base Nacional Comum Curricular) que alterou a LDB 9.394/96, acrescenta ao Art. 26, o “Art. 35-A: § 2º A Base Nacional Comum Curricular referente ao ensino médio incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia” (BRASIL, 1996). O Parecer fortalece a arte, em oposição à forma como D. João VI abordou a arte: como um acessório, instrumento de modernização de outros setores como agricultura, mineralogia, indústria, proferindo que no Brasil havia necessidade de grandes *socorros da estética* (BARBOSA, 2006). No século XXI, a legislação dá à arte, tratamento análogo ao pensado no século XIX, como se pode verificar no artigo 35-A, supracitado, que não define, como o faz para Língua Portuguesa e Matemática, a obrigatoriedade nos três anos do ensino médio. O que se depreende é um retrocesso na educação, no ensino de Arte e uma ênfase apenas no ler, escrever, contar (GOODSON, 2013).

2 INTERDISCIPLINARIDADE, POLIVALÊNCIA, MESTIÇAGEM E HIBRIDISMO

A Educação Artística com suas habilitações (Artes Plásticas, Desenho, Artes Cênicas, Música) foi e é motivo de amplas discussões devido à formação generalista, polivalente. Houve, portanto, entendimento de que seria apropriado a separação em linguagens específicas: Teatro, Artes Visuais, Música ou Dança, mas muitos currículos ainda não a cumpriram. As Orientações Curriculares do Estado do Maranhão (2017) separam os conteúdos específicos de cada linguagem, mas não cumprem com a especificidade inerente a isso. Demarcado o campo identitária de cada linguagem, ressalta-se que uma linguagem pede auxílio de outros campos disciplinares e o faz se e quando for necessário. Não se pode rechaçar os conhecimentos afins em repúdio à polivalência. Há que se reclamar uma identidade, mas pode-se pedir apoio conceitual e metodológico, quando for necessário, sem, contudo, apropriar-se do saber do outro – é a interdisciplinaridade. “A construção de uma didática interdisciplinar baseia-se na possibilidade da efetivação de trocas intersubjetivas” (FAZENDA, 2012, p. 79). Para Fazenda, executar uma tarefa interdisciplinar pressupõe um ato de perceber-se interdisciplinar, que é acreditar que o outro também pode tornar-se interdisciplinar. Pela LDB de 1970 – um professor deveria apropriar-se dos vários campos da arte, deveria ser polivalente, isso desconsiderava a especificidade e amplitude da arte. A polivalência, vista como abrangendo toda arte (MARQUES, 2015) cometeu o erro de querer formar

um professor em dois anos com todo o conhecimento da arte, forçando-o a ministrar tudo em uma sala de aula, quando deveria pretender favorecer o conhecimento em arte. E o que viria a ser mestiçagem e hibridismo na arte? A arte ao se juntar com a educação, tornou-se outro campo de estudo – nesse sentido seria hibridismo. A finalidade do hibridismo é tornar uma totalidade única, se caracteriza pela fusão de elementos díspares que o estruturam (CATTANI, 2007a). A Arte-Educação é uma tendência que tenta aproximar a dualidade num processo dialético no ensino de Arte, não de junção ou oposição entre as áreas, mas a sua interpenetração. Arte-Educação é extremamente propícia à interdisciplinaridade (BARBOSA, 2006). De acordo com Barbosa, a arte-educação tem elementos tanto da arte quanto da educação, portanto, essa junção de áreas serve como amparo uma da outra, fazem uso da interdisciplinaridade. A mestiçagem é a “mistura de elementos distintos que não perdem suas especificidades” (CATTANI, 2007b, p.11). A partir do que Barbosa apresentou, inferimos que arte-educação é mestiçagem, pois se enquadra no conceito de Cattani. “... essa mistura de diversos elementos constitutivos, presentes na obra de forma simultânea, não se anulam e nem se fundem, permanecendo “[...] sempre presentes, numa relação tensa, ambivalente, contraditória.” (CATTANI, 2004, p. 67 apud TOMBINI; GOMES, 2013). Para Cattani (2007a) a mestiçagem é da ordem do heterogêneo e o hibridismo, do homogêneo. A interdisciplinaridade é o uso dos métodos de uma disciplina por outra, ocorrendo a transversalidade do conhecimento de outras disciplinas (BRASIL, 2013). Quadros Júnior et al. (2017) observa que a música está nas práticas cotidianas da escola, nas relações que a escola estabelece e que é instrumento facilitador do aprendizado para outras disciplinas, assim como o caráter interdisciplinar com outros campos de conhecimento. E o hibridismo seria o entrecruzamento das linguagens da arte, a interpolação dos processos tradicionais (pintura, desenho, fotografia) proporcionando novas possibilidades, ampliando as propostas e formas e de novas criações artísticas (MATTA et al., 2014). Os conceitos de polivalência, interdisciplinaridade, mestiçagem e hibridismo permitiu que se pensasse as poéticas visuais e musicais nas duas obras abaixo.

3 EXPERIÊNCIAS ESCOLARES E A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NAS ATIVIDADES COTIDIANAS DA/NA ESCOLA

A metáfora do som preparada por Schafer (2011) “Aqui os sons rodam”, permite a leitura visual das imagens e a dedução de som no ambiente, da dança, da encenação no espaço físico que é limitado, é um palco, pois a encenação não extrapola o espaço. A

dedução está pautada na cultura dos indivíduos, que tem conhecimento prévio da realidade fatural do evento representado na imagem para que se possa deduzir o que ocorre, do contrário, outras leituras visuais serão feitas, completamente diferente daquela realidade.

Na imagem abaixo (fig. 1), Artes Visuais (pintura), guache, pintada por um adolescente numa oficina de arte de uma Ong (Organização não-governamental) (CARVALHO, 2008), apresenta elementos visuais que remetem ao movimento (Artes Cênicas ou Dança e Teatro), mas não prescinde da Música, pois as pinceladas denotam movimentos aleatórios, os quais poderiam ter como pano de fundo uma música que inspirasse a produção da tela. A produção de uma tela pode ser considerada uma hibridização porque os vários elementos compõem um outro, algo novo, não existente até então na realidade objetiva, mas é fruto da subjetividade de quem a idealizou e construiu.

Figura 1. Sem título, pintura em guache sobre tela, 2010.



Fonte: Fotografia, Luri.

O que se pode deprender da imagem abaixo (fig. 2) é que há uma mistura de linguagens, pois a visualidade assim como o audiovisual provam a existência das Artes Visuais através da indumentária típica das festas juninas, o que pressupõe a Música e a Dança, mas também houve ensaios para culminar na apresentação, logo o Teatro está

presente/ausente na imagem. Portanto, todos os elementos estão presentes, mas podem ser definidos pelas suas linguagens específicas – é a mestiçagem na/da arte.

A modernidade tem afastado o homem das tradições, do pertencimento cultural, tornando-o um “despertencido e desraizado, cativo de um modelo fragmentado de percepção e inserção na vida que o coloca em crise com a sua própria identidade” (FREITAS, 2010). Buscamos repatriar esse homem para a busca de suas raízes e cultura local. A mestiçagem na música é o cruzamento de novos sentidos, ainda que se parta do consagrado (FREITAS, 2010).

Figura 2. Apresentação no Arraiá do CE Paulo VI, 2018.



Fonte: Fotografia, Keiko.

As duas obras foram registradas por meio da fotografia, um campo das Artes Visuais - audiovisual. A fotografia registra o tempo, os eventos no tempo, congela o tempo. Mas, afinal, o que é a fotografia? É uma infinidade de coisas e nenhuma delas, é a memória das coisas (MARQUES, 2011; MARQUES et al., 2018).

A possibilidade de parar o tempo, retendo para sempre uma imagem que jamais se repetirá? Um processo capaz de gravar e reproduzir com perfeição imagem de tudo que nos cerca? Um documento histórico, prova irrefutável de uma verdade qualquer? Ou a possibilidade mágica de preservar a fisionomia, o jeito e até mesmo um pouquinho da alma de alguém de quem gostamos? Ou apenas uma ilusão? [...] Fotografia é tudo isso e mais um monte de coisas também (KUBRUSLY, 2006, p. 7).

A visão preconceituosa para com a Arte, dentre os fatores apontados por Barbosa (2006) como o Decreto de D. João VI que considerou que a gente brasileira carecia de *socorros da estética*, os acirrados embates entre portugueses e franceses com a vertente neoclássica, a ligação da arte com o trabalho e este com a escravidão; a posição que ocupa na estrutura curricular, os argumentos que nada têm a ver com a Arte como sua utilização para acalmar e descansar os alunos das disciplinas consideradas “sérias”, importantes e difíceis (TOURINHO, 2012); os argumentos elencados acima são mais uma fetichização da Arte do que propriamente uma defesa de seu ensino (MARQUES; ROCHA, 2017); Quadros Júnior et al (2017) observa a Música na escola como instrumento facilitador do aprendizado de outras disciplinas e a interdisciplinaridade. Entendemos que a função dada por Quadros Júnior et al (2017) à Arte na escola é uma visão mais inclusiva que oferece os conceitos da Arte a outras disciplinas, assim como se utiliza das outras disciplinas. É um entendimento voltado para a interdisciplinaridade.

Segundo António Nóvoa (1995), a escola e o professor estão na centralidade das discussões atuais sobre educação. A partir da promulgação da LDB 9.394/96, a educação no Brasil tem causado muita discussão, alterações, reformas e/ou contrarreformas, retrocessos, ganhos e perdas para o chão da escola. (MARQUES et al., 2020, p. 97694).

Nossas conclusões é que no terreno da sala de aula permeiam muitas ações que precisam de sistematização, não necessariamente rígidas, mas cuidadosos olhares.

REFERÊNCIAS

AMAE (Associação Maranhense de Arte-Educadores). O ensino de Arte e a legislação brasileira atual. Disponível em: <<https://associacaomaranhensedearteeducadores.wordpress.com/2015/06/23/o-ensino-de-arte-e-a-legislacao-brasileira-atual/>>. Acesso em: 02 jul. 2018.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. Trad. Sofia Fan. In: Estud. Av. dez. 1989, v. 3, n. 7, p. 170-182. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v3n7/v3n7a10.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2018.

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino de arte. Anos oitenta e novos tempos. 6. ed.- São Paulo: Perspectiva, 2005. – (Estudos; 126/ dirigida por J. Guinsburg).

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação no Brasil. 2. reimpr. da 5. ed. [2002] - São Paulo: Perspectiva, 2006. – (Debates; 139/ dirigida por J. Guinsburg).

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino de arte. Anos 1980 e novos tempos. 2. reimpr. da 8. ed.- São Paulo: Perspectiva, 2012. – (Estudos; 126/ dirigida por J. Guinsburg).

BRASIL. Lei n. 4.024, de 20 de dezembro de 1961 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 20 dez. 1961. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 06 jul. 2018.

BRASIL. Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 11 ago. 1971. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 06 jul. 2018.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 20 dez. 1996. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-normaatualizada-pl.html>>. Acesso em: 06 jul. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer nº 22/2005 de 4/10/2005. Solicitação de retificação do termo que designa a área de conhecimento “Educação Artística” pela designação: “Arte, com base na formação específica plena em uma das linguagens: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro”. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb22_05.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2018.

BRASIL. Lei n. 11.769, de 18 de agosto de 2008 que altera a Lei n. 9.394/1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111769.htm>. Acesso em: 02 jul. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. *Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica*. Conselho

Nacional da Educação. *Câmara Nacional de Educação Básica*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curiculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 18 jun. 2018.

BRASIL. Lei n. 13.415, de 16 de fevereiro de 2017 que altera a Lei n. 9.394/96. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm>. Acesso em: 10 jun. 2018.

CARVALHO, Livia Marques. *O ensino de artes em Ongs*. – São Paulo: Cortez, 2008.

CATTANI, Icleia Borsa. *Mestiçagens na arte contemporânea: conceito e desdobramentos*. In: CATTANI, Icleia Borsa (Org.). *Mestiçagens na arte contemporânea*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007a, p. 21-34.

CATTANI, Icleia Borsa. *Os lugares da mestiçagem na arte contemporânea*. In: FARIAS, Agnaldo. *Icleia Cattani*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004.

CATTANI, Icleia Borsa. *Poiéticas e poéticas da mestiçagem*. In: CATTANI, Icleia Borsa (Org.). *Mestiçagens na arte contemporânea*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007b, p. 11-17.

DIAS, Gonçalves. *Poemas*. 15. ed. – Rio de Janeiro: Ediouro, 1998. – (Coleção Prestígio).

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. – 18. ed. – Campinas, SP: Papirus, 2012. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

FREITAS, Selma Sângele Rocha. *A questão da mestiçagem na poética e na música brasileira*. In: *Vivências*, v. 6, n. 9, p.50-57, maio, 2010. Disponível em: <http://www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_009/artigos/artigos_vivencias_09/n9_5.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2018.

GOODSON, Ivo F. *Currículo: teoria e história*. Trad. Atílio Brunetta; rev. trad. Hamilton Franscischetti; apresentação Tomaz Tadeu da Silva. 14. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. – (Ciências sociais da educação).

KUBRUSLY, Cláudio Araújo. *O que é fotografia: /Cláudio Araújo Kubrusly*. – São Paulo: Brasiliense, 2006. – (Coleção Primeiros Passos; 82).

MARANHÃO, Governo do Estado. *Escola digna – plano mais IDEB: programa de fortalecimento do ensino médio – orientações curriculares para o ensino médio: caderno de arte/Secretaria de Estado da Educação*. – São Luís, 2017.

MARQUES, Walter Rodrigues. *Fotografia: A singularidade no olhar fotográfico do imagético social de Márcio Vasconcelos*. Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Maranhão. – São Luís, 2011.

MARQUES, Walter Rodrigues. *A banalização da educação e as políticas públicas para o ensino de Arte: polivalência – como ser 4 sendo 1?* In: XXV Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil; III Congresso Internacional dos

Arte/Educadores, 2015, p. 2168-2180. Disponível em:<<https://faeb.com.br/admin/shared/midias/1510197912.pdf>>. Acesso em 06 jul. 2018.

MARQUES, Walter Rodrigues; ROCHA, Luís Félix de Barros Vieira. Ensino de arte, multiculturalidade, transculturalidade, transversalidade, interdisciplinaridade. In: XXVII Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil; V Congresso Internacional dos Arte/Educadores; II Seminário de Cultura e Educação de Mato Grosso do Sul, 2017, p. 1956-1967. Disponível em:<<https://faeb.com.br/admin/shared/midias/1510688060.pdf>>. Acesso em 06 jul. 2018.

MARQUES, Walter Rodrigues; SANTOS, José Murilo Moraes dos; ROCHA, Luís Félix de Barros Vieira; QUADROS JUNIOR, João Fortunato Soares de. Fotografia: A singularidade no olhar fotográfico do imagético social de Márcio Vasconcelos. In: Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade, v. 4, n. especial jul./dez., 2018, p. 131-150.

MARQUES, Walter Rodrigues; FERREIRA, Diego Jorge Lobato; CUTRIM, Dayana Sthéfane Pereira; VIANA, Maria Neuraildes Gomes; FREITAS, Marizelia Dielle de; COSTA, Rosângela Coêlho; ROCHA, Luís Félix de Barros Vieira; SOARES, Hérbia Araújo. Profissionalidade docente: Saber e busca de reconhecimento. In: Braz. J. of Develop., Curitiba, v. 6, n.12, p.97692-97711 dec. 2020.

MATTA, Célio Martins da; PEL, Pelópidas Cypriano; MATTA, André Martins da. Processos híbridos na arte contemporânea e novas mídias: A linguagem cognitiva intuitiva aplicada em tecnologias. In: XIV Safety, Health and Environment World Congress, July 20 - 23, 2014, Cubatão, BRAZIL. Disponível em:<<http://copec.eu/congresses/shewc2014/proc/works/11.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

NÓVOA, António (Org.). Vidas de professores. – Porto: Porto Editora, 1995.

PONTES, Gilvânia Maurício Dias de; LEDUR, Rejane Reckziegel; EVALTE, Tatiana Telch. Artes Visuais na Educação Básica (Apresentação). Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 138-140, maio/ago. 2016. Disponível em:<<http://seer.ufrgs.br/gearte>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

QUADROS JÚNIOR, João Fortunato Soares de; et al. MÚSICA NA ESCOLA: proposta de intervenção em escolas de ensino médio em São Luís-MA. In: Cad. Pes., São Luís, v. 24, n. 2, mai./ago. 2017. Disponível em:<<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/7194>>. Acesso em: 06 jul. 2018.

SANTANA, Arão Paranaguá de (Coord.). Visões da ilha: apontamentos sobre teatro e educação. 1. ed. – São Luís, 2003.

SCHAFER, Murray. O ouvido pensante. Trad. Marisa Trench de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva, Maria Lúcia Pascoal; revisão técnica de Aguinaldo José Gonçalves. – 2. ed. – São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

TOURINHO, Irene. Transformações no ensino da Arte. In: Inquietações e mudanças no ensino da arte. 7. ed. -São Paulo: Cortez, 2012, p. 28-36.

TOMBINI, Cleandro Stevão; GOMES, Paulo César Ribeiro. Mestiçagens e hibridismos: permeando o processo de construção do espaço pictórico. In: 22º Encontro Nacional ANPAP 2013 – Ecossistemas estéticos. Disponível em: <<http://www.anpap.org.br/anais/2013/ANAIS/comites/pa/Cleandro%20S.%20Tombini.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO (UFMA). Projeto Pedagógico Curricular para implementação do Curso de Música Licenciatura de 2006. Disponível em: <<http://www.ufma.br/portalUFMA/arquivo/tY7tWAHg2nqA7t6.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO (UFMA). RESOLUÇÃO CONSEPE 1171, de 27 de junho de 2014, que altera a Resolução CONSUN n. 93/2006. Disponível em: <<http://www.ufma.br/portalUFMA/arquivo/huPhcZEJVj3eP58.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO (UFMA). RESOLUÇÃO CONSUN n. 125, de 24 de maio de 2010. Disponível em: <<http://www.ufma.br/portalUFMA/arquivo/eRus01suT5NuCWY.pdf>>. Acesso em 05 jul. 2018.